



A INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE: experiências a partir do I ENFORMA – Encontro de Formação para Professores

Maria Cecília Silva de Amorim¹

Andréa Kochhann²

GT4 - Inter e Transdisciplinaridade

Resumo: O presente texto é reflexo de uma atividade de extensão do GEFOPi – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, organizada como um encontro de formação continuada para os professores da rede municipal de Luziânia, intitulado por ENFORMA – Encontro de Formação de Professores. Além dos professores da Rede Municipal foram convidados a participar os professores da Rede Estadual e Privada, bem como os componentes do GEFOPi, configurando também uma atividade de formação inicial. A metodologia e as discussões se configuraram pela interdisciplinaridade, quiçá pela transdisciplinaridade. A expectativa é que o ENFORMA se efetive como uma atividade permanente e possibilite de fato discussões interdisciplinares no processo formativo.

Palavras-chave: Formação. Interdisciplinaridade. Práxis Docente.

Abstract: The present text is a reflex of an activity of extension of the GEFOPi – Group of Studies in Formation of Teachers and Interdisciplinaridade, organized like a meeting of formation continued for the teachers of the municipal net of Luziânia, entitled by ENFORMA – Meeting of Teachers' Formation. Besides the teachers of the municipal net there were invited participating the teachers of the net state and private, as well as the component ones of the GEFOPi, shaping also an activity of initial formation. The methodology and the discussions were shaped by the interdisciplinaridade, perhaps it shears transdisciplinaridade. The expectation is that the ENFORMA will be brought into effect like a constant activity and will make possible in fact interdisciplinary discussions in the formative process.

key words: Formation. Interdisciplinaridade. Teaching Práxis.

INTRODUÇÃO

O GEFOPi – Grupo de estudos em formação e interdisciplinaridade enquanto um projeto de extensão da UEG – Universidade Estadual de Goiás promoveu o I ENFORMA –

¹**Maria Cecília Silva de Amorim.** Pedagoga – UEG. Especialista em Psicopedagogia(UEG). Professora na Secretaria Municipal de Ensino de Luziânia, membro do GEFOPi- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Pós-graduanda em Arte- Educação Intermediática Digital (UFG) .E mail: cissa24@gmail.com

²**Andréa Kochhann**Pedagoga. Especialista em Docência Universitária. Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pela UnB. Docente da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br





Encontro de Formação para professores na cidade de Luziânia – GO, com vistas a discutir sobre a formação docente e os paradigmas da profissão, no contexto da interdisciplinaridade. O público alvo do I ENFORMA foram os professores da Educação Básica.

A atividade foi realizada das 13 h às 18 h, contemplando uma palestra sobre o uso de filmes em sala de aula, um filme “A escola da Vida” e uma mesa redonda discutindo a teoria elucidada com o filme. A mesa redonda apresentou a temática central do I ENFORMA, “Os paradigmas educacionais e a identidade docente no trabalho concreto”.

A metodologia de trabalho envolveu acadêmicos, professores e estudiosos lançando mão de pesquisas e teorias. Vários autores foram citados, dentre os quais Freire, Libâneo, Pimenta e Vasquez. Freire (1996) aprofunda o conceito de práxis no universo educacional, como sendo a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano. Pimenta (2012) trata também a práxis como transformação necessária da realidade.

O fundamento da práxis consiste na ação-reflexão-ação, um ir e vir intencional e crítico, pensado a partir de saberes do conhecimento, saberes pedagógicos e saberes da experiência. O campo de formação de professores é vasto. As discussões sobre a práxis apontam caminhos para o aperfeiçoamento da mesma. Esses caminhos devem ser constituídos de elementos interdisciplinares, independente do curso de formação.

O I ENFORMA – Encontro de Formação de Professores enquanto uma atividade de extensão universitária promove crescimento acadêmico e discussões interdisciplinares que podem viabilizar a formação docente, inclusive de professores de Língua Estrangeira. Todos os cursos de licenciatura precisam ter previstos em seus projetos políticos pedagógicos atividades extensionistas que promovam o desenvolvimento acadêmico.

O I ENFORMA – Encontro de Formação de Professores de Luziânia

O I ENFORMA é uma experiência no trabalho concreto pelas vias da extensão universitária desenvolvidas pelo GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. O Grupo está vinculado à Universidade Estadual de Goiás – UEG que tem como tripé a pesquisa, o ensino e a extensão, primando pela produção acadêmica. O GEFOP é registrado como um projeto de extensão, mas tem características de um programa, pois abrange várias atividades do ensino, da pesquisa e da extensão, como eventos, cursos e projetos.



O GEFOPÍ teve início no Câmpus São Luís de Montes Belos da UEG, e tem desenvolvido seus trabalhos há mais de dez anos, produzindo além de conhecimentos a integração de acadêmicos de vários Câmpus da Instituição, bem como egressos, professores e comunidade em geral. Pode-se afirmar que este grupo de estudos tem a concepção acadêmica processual-orgânica, conforme discute Reis (1989).

A historicidade do GEFOPÍ, para Kochhann et al (2016), data de 2006 quando foi criado o GEPI – Grupo de Estudos em Interdisciplinaridade, no intuito de auxiliar os acadêmicos do curso de Pedagogia da UEG no que tange à leitura, compreensão e escrita de textos acadêmicos. Um ano depois, tornou-se GEFOPÍ, ampliando suas atividades para a pesquisa, a extensão e a produção acadêmica.

De 2006 a 2012 houve o desenvolvimento do grupo com atividades de ensino, pesquisa e extensão. No ensino, ocorre o auxílio daqueles com dificuldade na leitura, interpretação e escrita, a partir de encontros semanais, individuais ou em dupla. Na pesquisa, iniciou-se o desenvolvimento de vários projetos de pesquisa, inclusive com bolsistas financiados pela instituição; e na extensão da mesma forma.

Em 2012, houve um aumento significativo de projetos e publicações lançados nacional e internacionalmente. Nesse período, foi publicado o Manual da Aprendizagem Significativa segundo David Ausubel, elaborado a partir de um projeto de pesquisa, com 700 cópias impressas para serem distribuídas durante o projeto de extensão. Em 2014, foi lançado o livro Aprendizagem Significativa na perspectiva de David Ausubel, com 500 exemplares; e neste mesmo ano, alguns componentes do grupo participaram de um evento na cidade de Rosário, na Argentina, apresentando 4 artigos científicos.

Em 2015, o GEFOPÍ se expandiu territorialmente, iniciando os estudos também com um grupo de acadêmicos e professores do Câmpus Jussara da UEG. Durante o ano de 2015, várias atividades foram desenvolvidas pelos componentes do grupo de São Luís de Montes Belos e de Jussara que participaram de vários eventos e realizaram pesquisa e extensão. Em 2016, o GEFOPÍ completou 10 anos de atuação com trabalhos que primam pela indissociabilidade pesquisa, ensino, extensão e produção acadêmica. Em 2017, uma nova jornada de expansão foi iniciada: agora para o Câmpus Luziânia e o Câmpus Formosa da UEG. O que se espera é atuar com a mesma intensidade que nos outros locais, demarcando uma nova era para o GEFOPÍ – expansão territorial e acadêmica.

Como uma atividade do GEFOPÍ no Câmpus Luziânia, surge o ENFORMA, enquanto uma atividade que iria atender uma solicitação da Secretaria de Educação à UEG, de atividades



que possibilitariam formação continuada aos professores da rede. Com a chegada do GEFOPi em Luziânia, isso foi possível.

A primeira edição do ENFORMA ocorreu no dia 26 de maio de 2017, das 13 h às 18 h, no Auditório do Câmpus Luziânia da UEG e teve como tema “Os paradigmas educacionais e a identidade docente no trabalho concreto”, conforme cartaz do evento. As atividades do I ENFORMA ocorreram conforme o planejado: o credenciamento foi tranquilo; a recepção e acomodação foram acolhedoras; e os horários de abertura e término dos trabalhos foram pontualmente cumpridos.

Iniciaram-se as atividades com a composição da mesa diretiva e o pronunciamento da diretora do Câmpus para realizar a abertura oficial do evento. Assim feita, foi iniciada a palestra – proferida pela coordenadora do GEFOPi – que discursou sobre “O GEFOPi e o uso de filmes em sala de aula” como reflexo de um projeto de pesquisa e de um projeto de extensão realizado pelos componentes do GEFOPi e culminou na publicação de um livro. A intenção da palestra era mostrar como o GEFOPi tem realizado suas atividades enquanto um convite aos participantes do ENFORMA para integrarem o grupo e também de como usar um filme na sala de aula rompendo com o paradigma da embromação.

Em seguida, os presentes e os membros do grupo que acompanhavam o evento pelo *Skype*, assistiram ao filme “A escola da Vida” juntamente com uma boa pipoca e um delicioso café. Após o filme, houve a composição da mesa dos trabalhos para a discussão da teoria que o filme trouxe implicitamente. Após a exposição dos três componentes da mesa, foi aberto ao público o espaço para o debate. Após o debate houve o sorteio de 6 livros do GEFOPi e encerramento das atividades. Como forma de socializar a teoria discutida pelos componentes da mesa de debates, organizou-se o tópico a seguir.

A DISCUSSÃO TEÓRICA: uma possibilidade interdisciplinar

A pauta deste encontro de formação acerca da identidade docente e os paradigmas da profissão dão margem a inúmeras discussões. Pode-se abordar sobre práxis – que representa a união teoria - reflexão e prática - ação, falar também de competências para ensinar de acordo com os estudos de Perrenoud, voltar à história da educação e falar sobre as tendências pedagógicas tradicionais que são abordadas no enredo do filme apresentado “A escola da vida”... a abordagem sobre relação professor-aluno e professor –professor caberia também como uma luva.



Freire (1996) que em seu livro *Pedagogia da Autonomia* usa poeticamente a palavra aventureiro considerando o docente e, diz “Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.”(p.55)

Nesse íterim, segue a reflexão sobre ser aventureiro e procurar aperfeiçoar a prática no “chão” da escola, no trabalho concreto num contexto de formação docente interdisciplinar. Quais seriam as características de um professor do ano? Que identidade assume no trabalho docente? Para Freire (1996), a identidade se apoia na visão autônoma que a educação deve gerar com base na criticidade, pois esta serve para modificar a realidade.

Para um ser aventureiro, são necessários saberes relativos à sobrevivência e à convivência... saberes que são constituídos por meio da prática e da experiência, não são dons, capacidades natas, mas fazem parte da constituição da identidade constituída no processo formativo. Passa pela profissionalização na Universidade, pelo curso de licenciatura em pedagogia que procura formar inicialmente pedagogos para a área escolar e não escolar. Nesse contexto, surge a vivência que se dá no estágio e enfim, “a docência como regência onde irá sistematizar e consolidar o conjunto de saberes que dão especificidade ao seu trabalho” (FARIAS *et al*, 2011, p.73).

Daí são realmente necessários saberes e competências pois, o campo da sala de aula é incerto, comporta situações complexas que necessitam ações e intervenções pontuais, nesse sentido a prática docente é compreendida por Novóia (1992) como uma fonte de aprendizagem que gera o saber da experiência. O aventureiro estará fazendo parte de uma aventura que é ideológica e poderá por muitas vezes questionar sobre o que deve fazer e perceber-se “inacabado”, como tão bem coloca Freire (1996). Importante compreender então as características criticidade, criatividade, responsabilidade, flexibilidade e inclusão como parte da identidade do professor.

Fazer do próprio trabalho fonte de reflexão e conhecimento por meio de análise da experiência torna o trabalho dialógico. “Refletir sobre a prática cotidiana, tomando-a como ponto de partida e de chegada, é uma necessidade que se transforma em desafio constante a ser enfrentado nos processos formativos”, (FARIAS *et al*, 2011). Tardiff e Lessard (2005) tratam sobre a docência como profissão das interações humanas, trazendo seis características da escola como organização, tendo em vista que os materiais básicos da educação são os seres humanos, e “todo trabalho sobre e com seres humanos faz retornar sobre si a humanidade de seu objeto” (TARDIFF e LESSARD, 2005, p.30).



O material humano difere entre si, com características próprias em espaços socioculturais diversos e historicamente modificados pelas diversas influências tecnológicas, condições econômicas, emocionais e educativas que o cercam. Vale indagar se o professor, independente da área de atuação, utiliza o tempo de forma a fazer o melhor, usando o diálogo, a empatia e os recursos que tem em prol da docência que deseja desenvolver.

A questão inicial sobre o que constitui a identidade do docente no “chão” da escola: teoria e prática, transformação de informação em conhecimento, lembrando que cada professor deixará um pouco de si no aluno que se constitui material humano com o qual trabalha, ensinando na esperança de realizar a docência como arma. Nas palavras de Nelson Mandela “a educação é a única arma para mudar o mundo.”

Aventurar-se no mundo do ensino e da aprendizagem, lidar com vidas, influenciando positivamente quem estiver alcance, assumindo a identidade de professor pesquisador e criativo, sendo aguçado pela necessidade diária de conhecer mais e melhor seu aluno e comunidade na qual atua configura o papel da docência. Procurar romper com o individualismo, passando a observar as práticas positivas existentes na escola, fazendo disso um fator de desenvolvimento profissional, contribuir também com a experiência do grupo de trabalho, fará parte do processo formativo que este ambiente deve promover.

Perceber que atuar como professor não é meramente praticar, mas procurar caminhos, atuando como pesquisador, não necessariamente fazendo as mesmas práticas, mas procurando aventurar-se no sentido de inovar, buscar embasamentos que fujam ao senso comum, ou o grande risco será de cair no ativismo, prática pela prática sem transformação. Segundo Libâneo (2005, p. 35) “O pedagogo não pode ser nem um puro e simples prático nem um puro e simples teórico. Ele está entre os dois. A ligação deve ser ao mesmo tempo permanente e irredutível, porque não pode existir um fosso entre a teoria e a prática.”

O trabalho sem reflexão se perde. Paulo Freire aprofunda o conceito de práxis no universo pedagógico, como sendo a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano. Vásquez (1968) trata também a práxis como transformação necessária da realidade, usando expressões - práxis, filosofia da práxis, prática, filosofia da prática ou teoria da prática - revelam a mais radical, original e completa formulação sobre a unidade teoria e prática. O fundamento da práxis consiste na ação-reflexão-ação, um ir e vir intencional e crítico, pensado a partir de saberes do conhecimento, saberes pedagógicos e saberes da experiência, tal como aponta Pimenta (2012).



O professor é sujeito que produz e mobiliza sua prática, portanto cabe aos docentes assumirem o papel de pesquisadores em livros, revistas, músicas, imagens, objetos, e pessoas os quais são fontes de informação e de conhecimento. Percebendo que a pesquisa é um princípio formativo e um conhecimento pedagógico indispensável na construção de um trabalho docente de qualidade.

Segundo Demo (1996, p.2), “educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana.” Assim, o processo de formação cotidiana estará pautado em fundamentos que compõem a educação em caráter ético, estético e técnico, alcançando as dimensões de aprender a ensinar, aprender sobre a profissão e aprender sobre sua dimensão pessoal, suas características e comportamentos.

O ato de ensinar consiste numa atividade ideológica, pois o professor serve como exemplo e reflexo para os alunos. Destarte, cabe assumir a definição de aventureiros responsáveis, de acordo com o dicionário Aurélio “O que corre ou busca aventuras. Aquele que, sem ter que perder, empreende negócios de certa importância. Que se aventura ou vive de aventuras. Incerto, arriscado.” Ao iniciar uma aula, terá início uma aventura, na qual professor e aluno serão protagonistas da própria história, motivados a dar o seu melhor, buscando seus conhecimentos e garantindo os direitos de aprendizagem.

Fácil realmente não é! Exige comprometimento e empenho, reflexão e ação, exige empatia, colocar-se no lugar do outro. Perceber também as dificuldades e limitações, perceber-se ser humano com defeitos, qualidades e possibilidades, percebendo-se como ser histórico refletindo a práxis como ferramenta de formação continuada com ação interdisciplinar independente da formação inicial que possua, considerando o inacabamento e a possibilidade de fazer-se professor diariamente.

CONSIDERAÇÕES

O GEFOPi enquanto grupo de estudos se aventura a promover estudos e reflexões plausíveis na formação inicial e continuada primando pela interdisciplinaridade. Esta discussão se apresentou como algo fundamental para formação de todos os profissionais da educação interessados em capacitar-se ainda mais para atuar no “chão da escola”. Muitas questões foram levantadas acerca da formação do professor e a aventura de permanecer nessa profissão. Há



muito que questionar sempre, e com a mensagem positiva desse belo filme: é preciso crer que a educação tem papel redentor, arriscando e fazendo valer o sentido da práxis que Vasquéz (1968) apresenta, pois é próprio da identidade docente aprender e formar-se todos os dias, inspirando-se por conhecimentos consistentes e teorias que procuram explicar e auxiliam na compreensão do papel do ensino e da aprendizagem para a vida, proporcionando a libertação das mentes e a autonomia dos seres humanos. Muitos poderiam pensar em assumir aventurado responsavelmente outra profissão, mas a docência ganha adeptos, pois coexiste com teorias próprias, seus encantos e desencantos, incertezas e sucessos... esse é o “chão” da escola, no espaço de formação cotidiana e reelaboração da práxis.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de (*et al*). **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis. RJ: Vozes, 2005.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.